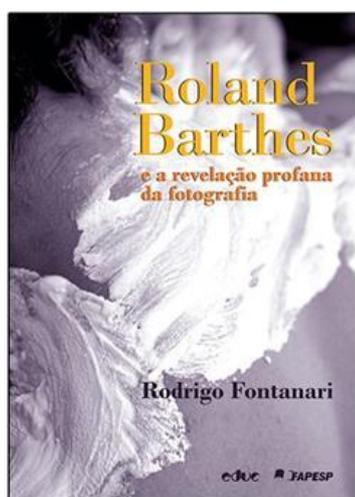


Resenha da obra: Roland Barthes e a revelação profana da fotografia

Carlos Fernando Leite

Universidade de Sorocaba – UNISO. Sorocaba. SP. Brasil.
Contato com a autora: bubba.johnnyreb@hotmail.com



Fontanari, Rodrigo.

Roland Barthes e a revelação profana da fotografia.

São Paulo: Educ | FAPESP, 2015.

A obra *Roland Barthes e a revelação profana da fotografia* – corolário da pesquisa de doutoramento do autor – conforme o título sugere, apresenta o pensamento de Roland Barthes (1915-1980), crítico literário e semiólogo francês cujo nome figura entre os grandes pensadores da chamada Contemporaneidade, acerca do potencial representacional da fotografia. Esse trabalho de fôlego baseia-se no derradeiro livro barthesiano em vida, *A Câmara clara: nota sobre fotografia* e surge no ano em que se comemora o centenário do nascimento desse pensador francês.

Não necessariamente por resultar de uma tese doutoral – mas, em boa medida, talvez por isso – destaca-se a profundidade investigativa do autor, cuja pesquisa, longe de se limitar a um mero mapeamento dos conceitos e imagens com que Barthes trabalha no livro, recorre também à outras fontes como: os manuscritos, as fichas preparatórios bem como a outros



Resenha da obra: Roland Barthes e a revelação profana da fotografia

ensaios que, em algum aspecto e medida, afiguram-se indicativos da questão principal que permeia a obra, a preocupação do autor com os aspectos não codificáveis da linguagem. Na parte inicial do livro, o autor apresenta uma breve exposição da trajetória de Barthes, dentro do estruturalismo, e da gradual mudança de posicionamento teórico que adotou.

Em *Roland Barthes – a revelação profana da fotografia*, evidenciam-se os conceitos barthesianos, também por meio do diálogo que o autor estabelece entre Barthes e outros intelectuais – respeitando, tanto as afinidades quanto os antagonismos, bem como as diferenças quantitativas e qualitativas – que se debruçaram a analisar a imagem fotográfica, como Vilém Flusser, Walter Benjamin e Philippe Dubois. Para evidenciar os conceitos barthesianos, o autor ainda lança mão do *haikai*, tipo de poesia japonesa; diga-se de passagem, com a qual o próprio Barthes também trabalhou em suas formulações.

Independentemente das possíveis divergências e convergências entre o pensamento barthesiano e os de outros intelectuais, como um dos principais atributos de Barthes, destaca-se o deslocamento teórico-temático; conquanto seja ele um pensador enciclopédico, em contrapartida, nunca fez do rigor acadêmico um martírio. Ao contrário, deslocando-se dos grillhões metodológicos que o assolavam, guiou-se, em boa medida, por suas intuições.

Por outros termos, por fugir à rigidez das metodologias puramente acadêmicas – porém, sem desprezar a necessária medida destas – Barthes também parece valorizar, em igual medida, as possíveis intuições do pesquisador (a que alguns denominam *insights*) no transcurso de sua caminhada. Há registro de que Barthes haveria dito que a *Declaração dos Direitos Humanos* deveria outorgar ao indivíduo, o direito de ir embora e de se contradizer.

Talvez se possa inferir que é precisamente essa perspectiva sensual que leva Barthes a desenvolver, em relação ao signo fotográfico, os conceitos de *studium e punctum* que, em síntese, definem-se, respectivamente, como o referente puramente representado pela fotografia, a primeira instância, por assim dizer, daquilo que o interpretante observa, e um segundo aspecto que, conforme a própria etimologia da palavra sugere, alude àquilo que é pungente, que provoca um sentimento no observador; um processo de mediação que o leva a pensar, a sentir; em vez do mero deleite visual. Ambos os conceitos – *studium e punctum* – são trabalhados na obra aqui analisada, respectivamente, por meio de dois mitos da cultura grega: o “mito da caverna” de Platão e o “mito da Górgona”. Em síntese, infere-se que em *A Câmara Clara*, Barthes apresenta outra face do signo fotográfico, a saber: a imagem, não



Carlos Fernando Leite

mais como mera representação, mas um elemento capaz de conduzir o observador a refletir acerca de fatores existenciais significativos.

Conforme afirmado na sinopse do livro, conquanto, no Brasil, em termos editoriais, a obra barthesiana encontre-se em dia, no que concerne à sua tradução, o mesmo não se pode dizer, em relação às produções que investigam mais profunda e consistentemente acerca de seu pensamento.

Está-se disposto a crer, que é precisamente em relação a esse aspecto, que a obra em questão destaca-se em seu mérito, constituindo num dos primeiros trabalhos – uma das primeiras exegeses, conforme ali se afirma – que enfocam o pensamento de Barthes, de modo mais profundo e consistente.

Em última análise e por tudo isso, infere-se que, por sua profundidade investigativa e consistência analítica ao pensamento de Barthes – sobretudo no que alude ao signo fotográfico – *Roland Barthes e a revelação profana da fotografia*, em certa medida, afigura-se como um importante instrumento de pesquisa, a todos aqueles que venham a se debruçar sobre o estudo ou ministrar conhecimento acerca do pensamento de Roland Barthes, independentemente do tema tratado e do objetivo almejado.